

A ditadura civil-militar em Santos-SP: uma cidade combativa ¹

Dayane Santos Araujo
Colégio Jean Piaget; Colégio Santa Inês
Mestra em História Social-PUC-SP
dayclio@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar Santos e a sua luta pelo retorno às eleições diretas na cidade, em 1984, em plena vigência da ditadura civil-militar (1964-1985), uma conquista inédita diante de tantas cidades brasileiras que estavam sob área de segurança nacional e sem a sua autonomia política.

Buscou refletir sobre o desejo de alguns setores da sociedade que almejam o retorno da ditadura militar no país e o crescimento do discurso fascista que ganha cada vez mais espaço na política e em práticas cotidianas. Além disso, o artigo trata da importância da valorização do estudo de história regional nos cursos superiores.

Palavras-chave: ditadura civil-militar; autonomia política; história regional.

O conhecimento da história regional é o primeiro contato para a compreensão das relações sociais estabelecidas em um determinado espaço e também percebê-la inserida em uma escala nacional. (BARROS, 2007)². A história de Santos, região escolhida para análise, acompanhou os acontecimentos do Brasil, sendo intensamente afetada pela tomada de decisões do poder federal, bem como impactou de forma significativa na história do país em diversos momentos. O contexto de análise é Santos no final da ditadura-civil militar.

¹ O artigo é parte das discussões apresentadas na dissertação de mestrado: “A luta pela autonomia política da cidade de Santos: da Caravana Leonardo Roitmann à posse de Oswaldo Justo (1983-1984) de minha autoria.

² O autor estabelece uma diferença entre a Micro-História e a História Regional.

O dia 9 de julho de 1984³ foi marcante para a cidade de Santos. Parece um dia qualquer, mas a história revela que uma grande conquista aconteceu nesta data e foi motivo de festa na cidade.

Os santistas puderam, finalmente, eleger o seu prefeito depois de 15 anos consecutivos sob o comando de prefeitos nomeados. Esta vitória mostra a força da cidade de Santos que conquistou sua autonomia política ainda durante a vigência da ditadura civil- militar (1964-1985).

No entanto, a experiência democrática de Santos é marcada por interrupções. Hoje, a cidade vive o período mais longo de eleições diretas desde a conquista da sua autonomia em 1983.

A posse de Getúlio Vargas em 1930, o chamado governo provisório, logo repercutiu em Santos. A cidade passou a ser comandada- durante um mês- por uma junta governativa e em seguida, os prefeitos foram nomeados pelo Governador do Estado até o ano de 1936 quando os próprios vereadores nomearam Aristides Bastos Machado.⁴

Em 1937, início da ditadura Vargas, intitulada de “Estado Novo”, Santos voltou a ter prefeitos escolhidos pelo Governador do Estado. Durante toda a “Era Vargas” (1930-1945), os santistas sentiram na pele a falta de autonomia e, sobretudo, o medo que pairava na cidade que tem um passado de lutas por direitos e combate as injustiças sociais.

O movimento operário e as greves marcaram a história da cidade. O engajamento era tão intenso que quando eclodiu a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), muitos moradores espanhóis que residiam em Santos distribuíram materiais de propaganda em apoio aos republicanos⁵ (TAVARES, 2007, p. 155) e muitos estivadores

³ A escolha da data é marcada por um forte simbolismo. No dia 9 de julho de 1932 ocorreu o Movimento Constitucionalista que representou a forte oposição do Estado de São Paulo ao governo arbitrário de Getúlio Vargas. Muitos santistas participaram da luta armada e perderam suas vidas e como forma de homenagem foi construído na Praça José Bonifácio o “Monumento-Mausoléu *Filhos de Bandeirantes*”.

⁴ **Aristides Bastos Machado**- governou a cidade de 1932 a 1935 e durante dois meses em 1936.

⁵ A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) antecedeu à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com duas frentes distintas, a **Frente Popular** que aglutinou setores da esquerda e o **Movimento Nacional** que concentrou setores da direita e era liderado pelo general Francisco Franco que contava com o suporte do

organizaram uma greve como forma de protesto contra o governo do ditador Francisco Franco, negando-se a operar navios espanhóis que estavam ancorados no porto, (SARTI, 1981, p. 98)⁶ desrespeitando a Constituição de 1937 em seu artigo 139 que afirma: “A greve e o *lock-out* são declarados recursos anti-sociais nocivos ao trabalho e ao capital e incompatíveis com os superiores interesses da produção nacional”.

Na literatura, o autor baiano Jorge Amado no segundo volume da trilogia “Os subterrâneos da Liberdade” intitulado “Agonia da noite”, tem como personagem principal o estivador de Santos Doroteu, um negro que participa de uma greve contra a exportação do café brasileiro ao governo do ditador espanhol Franco.

De acordo com a obra de TAVARES (2007, p. 151), “O Estado Novo transformou os termos do conflito no porto: saiam as diferenças entre raças, nacionalidades e cultura em prol da disputa entre comunistas e anticomunistas”.

A insegurança era sentida pelos moradores da cidade e o governo exercia um forte controle em todos os espaços da cidade. O combate ao comunismo⁷, embalado pela tríade “catolicismo, nacionalismo e liberalismo” (SÁ MOTTA, 2002), contribuiu para o sucesso de golpes de Estado no Brasil que culminaram em governos ditatoriais: O Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Civil-Militar (1964-1985).

No plano interno, o Anticomunismo extremo é, como é óbvio, o de tipo fascista e reacionário em geral, que se traduz na sistemática repressão da oposição comunista, e tem por norma tachar de comunismo qualquer oposição de base popular. (BOBBIO, 2007, p. 34-35)

Fascismo italiano e alemão (Nazismo). Através das Brigadas Internacionais, muitos estrangeiros apoiaram a causa espanhola, mas foram derrotadas pelas forças franquistas que culminou com a tomada de poder por Franco.

⁶ De acordo com a autora, não existem documentos que comprovem a ocorrência desta greve em protesto a política adotada pelo general Francisco Franco da Espanha.

⁷ Em 1935 ocorreu um movimento armado conhecido como “Levante Comunista” apelidado pejorativamente de “Intentona Comunista”. Iniciou-se no Rio Grande do Norte, quando uma junta de governo tomou o poder da capital durante 4 dias até ser controlada pelas forças do Estado, chegando até Recife e Rio de Janeiro. A partir deste episódio, o governo de Vargas tomou medidas repressivas no combate ao comunismo, principalmente com a “Aliança Nacional Libertadora” (ANL) que organizou o movimento. Mesmo na ilegalidade, reunia em seus quadros não somente comunistas, mas todos os insatisfeitos com o regime de Vargas. O episódio contribuiu para o seu bem sucedido golpe de Estado que levou à implantação do “Estado Novo” (1937-1945).

Getúlio Vargas aproximou-se dos ideais da Alemanha de Hitler que vivia a paranoia de combater todos os “cânceres” que lentamente assolavam o povo alemão e os culpados eram sempre os “outros”.⁸ A perseguição aos opositores é uma prática frequente nas ditaduras e, em Santos, Vargas montou um forte aparato de controle e vigilância.

As penitenciárias transformaram-se em destino frequente daqueles que se opunham ao governo Vargas. Pressionados pelo medo e pela ação policial, os elementos mais combativos do movimento operário santista foram obrigados a agir na clandestinidade ou a ficarem confinados. [...]

[...]

Quanto aos hotéis, casas de cômodo, pensões etc, a vigilância ficava por conta do DEOPS/SP, responsável por manter um controle rigoroso sobre todos aqueles que poderiam dar guarida aos que pudessem entrar clandestinamente pelo porto. (TAVARES, 2007. Op. cit., p.143; 153).

Assim como existiam os “camisas negras” na Itália de Mussolini, no Brasil, os “camisas verdes” representavam a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento ultraconservador que apoiou o golpe de Estado aplicado por Vargas.⁹ Tendo como símbolo a letra grega sigma (Σ) que significa somatória e com o grito “Anauê”, os integralistas defendiam princípios básicos mais tradicionais ancorados na defesa da família e do papel da Igreja Católica e o combate ao comunismo.

O integralismo atraiu para suas fileiras um número considerável de aderentes. Estimativas moderadas, calculam esse número entre 100 mil a 200 mil pessoas no período do auge (fins de 1937), o que não é pouco, considerando-se o baixo grau de mobilização política existente no país. (FAUSTO, 2008, p. 356)

O nacionalismo, presente nos discursos nazifascistas, também foi praticado por Getúlio Vargas. A restrição à entrada de estrangeiros no país foi sentida na cidade de Santos e a intenção era clara: reduzir a entrada de ideias “subversivas” trazidas,

⁸ O Nazismo perseguiu judeus, ciganos, homossexuais, povos eslavos, comunistas e opositores políticos do regime.

⁹ Em 1938, o AIB foi posto na ilegalidade. Os integralistas acreditavam que conseguiriam cargos importantes tendo em vista o apoio dado na implantação do golpe.

sobretudo, pelos europeus que colocaria em risco o projeto de nação e evitaria desta forma os conflitos. (TAVARES, 2007 Op. cit., p.140)

A identificação de Vargas com o nazifascismo era evidente. No entanto, durante a Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas se viu pressionado pelos EUA a apoiar os Aliados. Os japoneses, alemães e italianos que residiam em Santos se viram obrigados a sair da cidade e o bairro da Ponta da Praia habitado em sua maioria por japoneses perdeu a sua identidade oriental. (TAVARES, 2007 Op. cit., p.147)

O fim da “Era Vargas” não representou a volta da autonomia política de Santos e ainda conseguiu enfraquecer o histórico movimento operário santista que ficou conhecido em todo o país e precisava passar por um processo de articulação.

A postura do presidente eleito Dutra (1946-1951) foi semelhante à adotada por seu antecessor. Manteve a nomeação do prefeito pelo Governador do Estado, mesmo a Constituição considerando a autonomia dos municípios, e colocou, em 1947, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) na ilegalidade. Não era um ditador, mas a prática da repressão em seu governo era intensa ao ponto de impedir que 14 dos 25 vereadores ligados ao PCB tomassem posse. Santos teria uma “Câmara Vermelha” (MATOS, 1998, p. 3-7). O artigo 28, parágrafo 2º da Constituição de 1946 afirma:

Serão nomeados pelos Governadores dos Estados ou dos Territórios os Prefeitos dos Municípios que a lei federal, mediante parecer do Conselho de Segurança Nacional, declarar bases ou portos militares de excepcional importância para a defesa externa do País. (BRASIL, Constituição 1946)

Durante o período de 1953-1964, perpassando os governos de Vargas (segundo governo 1951-1954), Juscelino Kubitschek (1956-1961) e João Goulart (1961-1964), Santos vivenciou uma experiência democrática e desfrutou de sua autonomia política.

O ano de 1964 foi extremamente duro para o Brasil e foi sentido rapidamente na cidade. Sombras sobre Santos”¹⁰ estavam dispostas a ficar por muitos anos. Em 24

¹⁰ Referência à obra de SILVA, Ricardo Marques da; ALEXANDRINO, Carlos Mauri. *Sombra sobre Santos: o longo caminho de volta*. 1. ed. Santos/SP: Secretaria Municipal de Cultura, 1988. Os autores relatam os efeitos que a ditadura civil-militar (1964-1985) trouxe para Santos e de que forma o cotidiano da cidade foi bruscamente alterado pela presença dos “prefeitos-interventores” que comandaram a cidade. É uma das poucas obras da historiografia santista sobre o período e contribui para lançar luz sobre fatos ocorridos na cidade que refletem o contexto de repressão e torturas que o país atravessava.

de abril daquele ano, um navio misterioso chegava a cidade. Parecia ser um navio qualquer se não fosse o seu propósito: ser um presídio e espaço de torturas.

A obra de SILVA e ALEXANDRINO (1988) traz diversos relatos daqueles que foram torturados dentro do navio “Raul Soares” e demonstra a dor e o medo da morte.

Nós éramos levados para o convés e vinha um helicóptero da Base Aérea, que ficava voando sobre nossas cabeças. Em círculos, com as mãos para trás, cercados por soldados de metralhadoras apontadas para nós, sofriamos por sentir que nossas vidas estavam sob risco e por estarmos totalmente indefesos. (SILVA; ALEXANDRINO, 1998 . Op. cit. p. 19)

Na ocasião da instauração do golpe de Estado, ocorrido em março de 1964, o novo regime iniciou um processo de varredura das principais lideranças políticas e militantes “subversivos” que pudessem desmantelar o bem sucedido golpe de Estado que derrubou o presidente João Goulart.

A tese de doutorado de OLIVEIRA (2013) aponta um fato que merece ser amplamente discutido. Durante o governo democrático de J.K existia um forte controle e vigilância de todas as manifestações ocorridas no país e que foram mapeadas através da integração das Forças Armadas Brasileiras e das Polícias Cíveis e Militares, subordinadas ao Conselho de Segurança Nacional responsável pelas punições e repressões, muitas delas, violentas.

Desta forma, assim que os militares chegaram ao poder, possuíam uma extensa lista de nomes de militantes e políticos contrários ao “novo projeto” para o Brasil. Centenas de mandados foram cassados, como os dos ex-presidentes Jânio Quadros (jan.1961- ago.1961) e João Goulart.

Em Santos, o prefeito eleito José Gomes (1961-1964), do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) teve seus direitos políticos cassados, em 1964, por discordar publicamente da ditadura que fora instaurada no país e foi preso no Navio Raul Soares. Em seu lugar, assumiu o general Fernando Hortalla Ridell (jun.1964-abr.1965), comandante da Marinha.

Existem algumas hipóteses para a forte vigilância em torno da cidade. O fato de ser uma cidade portuária, a organização de greves históricas e por ser considerada um “foco de comunistas”.

A ideia de passar um ar democrático ao clima de repressão, a cidade teve, em 1965, eleições diretas manipuladas que deu a vitória a Silvío Fernandes Lopes que estava vinculado aos interesses dos militares. Em 1968, Santos teve mais uma vez eleições diretas e a vitória coube a um membro da resistência que injustamente perdeu a eleição anterior, mas conquistou o eleitorado santista. Seu nome era Esmeraldo Tarquínio, o primeiro e único negro a ganhar uma eleição para prefeito em Santos.

O contexto que Tarquínio estava inserido era extremamente delicado. No poder estava o presidente general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), responsável pelo endurecimento do regime.

Muitos homens e mulheres foram brutalmente torturados durante este período e contaram suas histórias na Comissão Nacional da Verdade (CNV)¹¹. A violência sexual sofrida pelas mulheres e também pelos homens, a presença de seus filhos durante as sessões de tortura revelam a crueldade deste período que muitas vezes são omitidos e sobrepostos ao discurso do “milagre econômico brasileiro” e da vitória do Brasil na Copa de 1970- “A propaganda é a alma do negócio”.

Os depoimentos de Rosemary Nogueira e Maria Amélia de Almeida Teles, respectivamente, são emocionantes e revelam a dor e a humilhação diante da violência sofrida.

Veio um enfermeiro logo depois, pra me dar uma injeção pra cortar o leite. Porque esse Tralli [torturador] dizia que o leite atrapalhava ele. Então, essa foi também uma das coisas horríveis, porque enquanto você tem o leite, você está ligada com o seu filho, né? Me deram uma injeção à força, eu não quis tomar, briguei e tal, empurrei, aquela coisa. [...] Ele me pegou à força e deu injeção aqui na frente, na frente da coxa. [...] Depois que ele me

¹¹ A CNV foi criada durante o mandato da então presidenta Dilma Rousseff através da Lei 12528/2011 e tem como objetivo investigar as violações aos Direitos Humanos entre os anos de 1946 a 1988. Em 10 de dezembro de 2014 foi realizada a cerimônia de entrega do relatório com 3 volumes à presidenta que foi uma das inúmeras vítimas da violência promovida pela ditadura civil-militar.

falou: “Cortar esse leitinho aí, tirar esse leitinho”. Realmente, acabou o leite.¹²

Tive os meus filhos sequestrados e levados para sala de tortura, na Operação Bandeirante. A Janaina com cinco anos e o Edson, com quatro anos de idade. [...] Inclusive, eu sofri uma violência, ou várias violências sexuais. Toda nossa tortura era feita [com] as mulheres nuas. Os homens também. Os homens também ficavam nus, com vários homens dentro da sala, levando choques pelo corpo todo. Inclusive na vagina, no ânus, nos mamilos, nos ouvidos. E os meus filhos me viram dessa forma. Eu urinada, com fezes. Enfim, o meu filho chegou para mim e disse: “Mãe, por que você ficou azul e o pai ficou verde?”. O pai estava saindo do estado de coma e eu estava azul de tanto... Aí que eu me dei conta: de tantos hematomas no corpo.¹³

Até hoje, tendo em vista a ascensão dos discursos de ódio e intolerância, facilmente veiculados nas redes sociais, muitos brasileiros defendem a volta da ditadura militar alegando que existia, naquela época, “ordem”, “economia forte” e “combate ao comunismo”, desconhecendo por completo a história ou, simplesmente ignorando-a.

No dia 16 de novembro de 2016, ocorreu uma manifestação na Câmara dos Deputados favorável à intervenção militar. Uma manifestante confundiu a bandeira do Japão, que estava ao lado da bandeira do Brasil em comemoração ao centenário da imigração japonesa (2008), com um símbolo comunista (INTERVENCIONISTA,

¹² Jornalista, militante dos direitos humanos e autora do livro “Crimes de Maio”. Participa do grupo “Tortura nunca mais” e já foi presidente do Condepe-SP (Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana). Foi presa e torturada em 1969.

Arquivo CNV, 00092.002333/2013-14. Testemunho prestado por Rosemary Nogueira ao GT “Ditadura e Gênero”, em 17/9/2013, em sua própria residência, São Paulo. RELATÓRIO da CNV Parte III Capítulo 10- Violência sexual, Violência de gênero e violência contra crianças e adolescentes. Disponível:<http://www.cnv.gov.br/images/documentos/Capitulo10/Capitulo%2010.pdf>. Acesso 28 fev. 2017.

¹³ Atua como diretora da União de Mulheres de São Paulo e como coordenadora do Projeto Promotoras Legais Populares. Compõe a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos e é assessora da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”. Foi militante do Partido Comunista do Brasil (PC do B) e presa e torturada em 1972.

Testemunho prestado por Maria Amélia de Almeida Teles durante audiência pública realizada pela CNV em parceria com a Comissão da Verdade Rubens Paiva, em 25/3/2013, Assembleia Legislativa de São Paulo. RELATÓRIO da CNV Parte III Capítulo 10- Violência sexual, Violência de gênero e violência contra crianças e adolescentes. Disponível:<http://www.cnv.gov.br/images/documentos/Capitulo10/Capitulo%2010.pdf>. Acesso 28 fev. 2017.

2016). A paranoia comunista, as paixões às ideologias em detrimento a busca pelo conhecimento contribuem para que acontecimentos como este se tornem cada vez mais frequentes.

Amiúde denunciados como “fanáticos”, os comunistas replicam que o anticomunismo também é uma paixão. (PROST, 2009, p. 398)

O ensaio produzido por RIEMEN (2012) intitulado “O eterno retorno do fascismo” levanta questões pertinentes sobre a força do discurso fascista ainda nos dias de hoje. O autor acredita que a palavra fascismo é um tabu na Europa e que há a tendência de substituir por “extrema-direita”, “conservadorismo radical”, “populismo de direita”, evitando o confronto com a realidade.

A Europa deixou um legado inquestionável de grandes pensadores que marcaram o mundo ocidental. No entanto, sentimentos que não foram trabalhados e superados com o passar do tempo, mas alimentados constantemente, contribuíram para a ascensão do Fascismo.

RIEMEN (2012) cita o ensaio de BRAAK (1937) “ O nacional-socialismo, a doutrina do ressentimento”¹⁴ no qual pode perceber que o movimento fascista limita-se a explorar o ressentimento, a agressão e a cólera e não estava interessado em solucionar os problemas sociais, tendo em vista que as desigualdades contribuiriam para alimentar esta ideologia que se mostrava como capaz de voltar aos velhos tempos de harmonia e estabilidade. Para isso, todos deveriam acreditar cegamente no líder que mostraria ao povo o “caminho das pedras”.

Como observa Ter Braak, o que é curioso mas indubitável é o facto de esse movimento nutrir uma confiança ilimitada num líder que nunca deu provas dos seus talentos de liderança, mas sem o qual o país não terá futuro.” [...] (RIEMEN, 2012, p. 34)

Naquele contexto, existia uma subestimação em torno da ascensão dos movimentos fascistas. As elites e os governos estrangeiros entendiam que poderiam

¹⁴ Algumas páginas do ensaio de BRAAK encontram-se disponíveis em holandês e pode ser acessada no link a seguir: HET nationaal-socialisme als rancuneleerhttp: Disponível: //www.dbnl.org/tekst/braa002nati01_01/braa002nati01_01_0001.php. Acesso: 28 fev. 2017.

controlá-los e que tropeçariam em seus próprios erros. Como se sabe isso não ocorreu e serve de alerta para que se observe atentamente o ressurgimento do Fascismo não somente na Europa, mas em todo o mundo, pois a luta pela democracia é de todos e perdê-la, seria um retrocesso. Um forte reflexo do movimento popular na defesa pela democracia foi visto no Carnaval de 2019 que demonstrou uma forte politização das escolas de samba, bem como dos blocos de rua. A festa pode ser um grande ato político que por meio de fantasias, cartazes, enredos, “memes” e marchinhas revelam que existe um acompanhamento por parte da sociedade dos rumos políticos do país.

Aconteceu contra toda previsão; aconteceu na Europa; incrivelmente, aconteceu que todo um povo civilizado, recém-saído do intenso florescimento cultural de Weimar, seguisse um histrião cuja figura, hoje, leva ao riso; no entanto, Adolf Hitler foi obedecido e incensado até a catástrofe. Aconteceu, logo pode acontecer de novo: este é o ponto principal de tudo quanto temos a dizer. (LEVI, 1990, p. 123-124)

No contexto em que fora baixado o AI-5¹⁵ o clima em Santos era muito tenso e o prefeito eleito Esmeraldo Tarquínio perdeu seus direitos políticos no ano seguinte e não pode tomar posse da prefeitura, seu vice, Oswaldo Justo, negou-se a assumir o cargo. Iniciava-se, mais uma vez, a era de prefeitos nomeados e a cidade perdeu sua autonomia política.

O comando da cidade coube ao general Clóvis Bandeira Brasil (1969-1972) que ficou conhecido pela sua má gestão e implantação da “verba mordomia” para as suas despesas pessoais.

Viver em uma ditadura representa desconhecer por completo estes fatos, já viver em uma democracia, mesmo com suas falhas, garante que crimes como estes fossem divulgados e julgados devidamente.

Um dos prefeitos da cidade, Carlos Caldeira Filho (1979-1980), era também um dos donos do Jornal *Cidade de Santos* e, todas as notícias referentes à sua

¹⁵ Os Atos institucionais foram decretos criados pelo governo militar. O Ato institucional n. 5 foi baixado em 13 de dezembro de 1968 pelo presidente general Costa e Silva e perdurou até 1978 e é considerado o mais autoritário de todos.

administração passavam pelo seu crivo, conforme relato do jornalista Helder Marques¹⁶ que chegou a presenciar o editor lendo por telefone o editorial para o prefeito, dono do jornal. Possuía o controle da máquina pública e de um dos principais veículos de comunicação da cidade.

O episódio da Bomba Riocentro¹⁷ demonstra claramente que mesmo em uma fase de abertura política, a chamada *linha dura* da ditadura militar ainda estava forte e atuante, disposta a dificultar o processo de redemocratização, conforme análise de FERREIRA e DELGADO (2007, p. 40).

A ideia de que no final dos anos 1980, durante o Governo de Figueiredo (1979-1985), representou o abrandamento da repressão pelo simples fato de que a ditadura dava sinais de esfacelamento é equivocada.

Em Santos, em 1980, o CCCS (Comando de Caça aos Comunistas de Santos)¹⁸ escreveu uma carta em tom de ameaça dirigida aos donos de bancas de jornais da Baixada Santista e publicada no jornal *A Tribuna*.

O Comando de Caça aos Comunistas de Santos (CCCS), unido e coeso aos nobres ideais da Falange Pátria Nova e das Brigadas Moralistas, já identificou o senhor e a sua empresa em nosso *index* como inocentes úteis dos vermelhos e dos imorais. O CCCS adverte ao senhor, com a sua responsabilidade de proprietário de empresa distribuidora e/ou vendedora de periódicos, que, talvez sem saber, vem colaborando para o aumento da propaganda comunista e da literatura erótico-pornográfica em nosso país, distribuindo ou vendendo à população desta cidade (que um dia ensinou à Pátria a Liberdade e a Caridade), revistas obscenas [*sic*] e jornais marxista-leninistas.

[...]

Assim, para o bem da nossa cidade, do nosso querido Brasil e do seu próprio

¹⁶ MARQUES, Helder. Jornalista. Entrevista concedida à autora Dayane Santos Araujo, em 9 mar.2013 para a dissertação de mestrado intitulada “A luta pela autonomia política de Santos: da Caravana Leonardo Roitmann à posse de Oswaldo Justo (1983-1984) defendida em fevereiro de 2014 na PUC-SP. Atualmente o entrevistado é professor do Curso de Jornalismo da Universidade Santa Cecília, em Santos.

¹⁷ No dia 30 de abril de 1981, os militares da “linha dura” organizaram um atentado no Rio de Janeiro quando ocorreriam shows de artistas da MPB em homenagem ao Dia do Trabalho. As bombas que seriam jogadas acabaram explodindo dentro do carro onde estavam o capitão Wilson Machado que sobreviveu e o sargento Guilherme Pereira do Rosário que morreu na hora. Os militares tentaram acusar os opositores do regime, grupos de esquerda, mas a história inventada pelos militares não convenceu a opinião pública, tendo em vista o contexto de abertura política.

¹⁸ Organização composta por grupos de extrema direita que levavam o medo e terror às ruas da cidade.

futuro, exigimos que a sua empresa pare imediatamente de distribuir e/ou vender em Santos e nos municípios da Baixada Santista as seguintes publicações:

Jornais – *Preto no Branco* (Cooperativa dos Jornalistas de Santos), *Hora do Povo*, *Em Tempo*, *Pasquim*, *Movimento*, *Voz da Unidade*, *Voz Operária*, *Repórter*, *Luta Operária*, *Convergência Socialista*, *Lampião*, *Jornal do Gay*; **Revistas** – *Ele e Ela*, *Playboy*, *Lui*, *Status*, *Homem*, *Close*, *Privé*, *Rose*, *Personal*, *Confissões*, *Eros*, *Fiesta*, *Exclusive* e demais revistas que tratem de assuntos eróticos e sexuais.

Esperamos contar com a sua patriótica colaboração. Não advertiremos mais. Caso contrário, tomaremos atitudes drásticas. **Comando CCCS**. (A TRIBUNA, 4 ago. 1980)

Os jornais *A Tribuna* e *Cidade de Santos* (Grupo Folha) eram os principais veículos de comunicação da cidade e ambos apoiaram a ditadura instalada no Brasil. Por volta dos anos 1980, os jornais assumiriam uma postura diferente dando suporte a “campanha” pelo retorno da autonomia política que envolveu a cidade naquele momento.

O jornal *A Tribuna* buscou não se indispor com o prefeito nomeado Paulo Gomes Barbosa (1980-1984), mas defendeu o retorno das eleições diretas na cidade. Mesmo assim, publicou a carta do CCCS em um contexto de luta pelo retorno da democracia.

Já o *Cidade de Santos* assumiu uma postura mais combativa com relação à gestão do prefeito e tinha um perfil considerado mais popular, ao gosto dos trabalhadores.

Ambos souberam captar o clima de redemocratização que tomava conta do Brasil e da cidade com a campanha pelas *Diretas-Já* e as *Diretas-Já santista* e a intenção era conquistar o “consumidor-leitor” termo utilizado pela jornalista Cleofe Monteiro de Sequeira (2005).

No dia 3 de agosto de 1983, 180 moradores, com o suporte de vereadores do PMDB, se dirigiram de ônibus de Santos até Brasília para acompanhar, pela segunda vez, a votação no Senado do projeto de lei que restituiria a autonomia política de Santos. Por falta de quórum, mais uma vez, não ocorreu a sessão.

Mesmo em um clima de decepção que tomava conta de todos os moradores, a autonomia de Santos foi concedida, naquele mesmo dia, por meio de um decreto-lei,

dando a entender que era o governo ditatorial que decidiria quando e como a autonomia viria.

O gesto dos moradores de ir até a capital federal acompanhar os rumos políticos da sua cidade e retornar para Santos com a autonomia política em mãos, mesmo não tendo ocorrido com a aprovação do poder legislativo, foi motivo de festa e esperança de um novo projeto para a cidade, a primeira das 106 cidades brasileiras que na época se encontravam como “área de segurança nacional” a conquistar sua autonomia política.

No dia 9 de julho de 1984, um dia muito simbólico para os paulistanos, ocorreu a posse de Oswaldo Justo (1984-1988), o primeiro prefeito eleito após a conquista da autonomia política, encerrando a era de prefeitos nomeados da cidade (1969-1984).

A cidade de Santos vive hoje o período mais longo de eleições diretas e consecutivas. Hoje, exercer a cidadania, no sentido de eleger o chefe do executivo da cidade, tornou-se um gesto comum, praticado a cada 4 anos.

No entanto, ao estudar a história da cidade, percebe-se que Santos teve períodos longos de interrupção da eleição seja durante o governo autoritário de Vargas (1930-1945), durante a ditadura civil- militar e até mesmo durante a vigência de governos democráticos como o do presidente Dutra (1946-1950).

A importância dos estudos e da valorização da História Local/ Regional nos cursos superiores, bem como na educação básica, reforça a ideia de observar as articulações, as convergências/ contradições, as continuidades/ rupturas existentes em um determinado espaço/tempo que seriam impossíveis de serem observadas apenas com um olhar macro sobre a história política brasileira.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. *Agonia da noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 2 v.

FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. 13 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *O Brasil Republicano. O Tempo da Ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. v. 4. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 40. [2003]

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

PROST, Antoine; Vincent, Gérard (org). *História da Vida Privada: Da Primeira Guerra Mundial a nossos dias*. 5 v. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RELATÓRIO da CNV Parte III Capítulo 10- Violência sexual, Violência de gênero e violência contra crianças e adolescentes. Disponível:<http://www.cnv.gov.br/images/documentos/Capitulo10/Capitulo%2010.pdf>. Acesso 28 fev. 2017.

RIEMEN, Rob. *O Eterno Retorno do Fascismo*. 1. ed. Portugal: Bizâncio, 2012.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. 2002. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, p. 04.

SARTI, Ingrid. *Porto Vermelho. Os estivadores santistas no Sindicato e na Política*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 48), p. 98.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. *Jornalismo Investigativo. O fato por trás da notícia*. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

SILVA, Ricardo Marques da; ALEXANDRINO, Carlos Mauri. *Sombra sobre Santos: o longo caminho de volta*. 1. ed. Santos/SP: Secretaria Municipal de Cultura, 1988.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. *A "Moscouzinha" Brasileira. Cenários e Personagens do Cotidiano Operário de Santos*. 1. ed. São Paulo: Humanitas / FAPESP, 2007. p. 155. (Coleção Histórias da Repressão e da Resistência, v. 6)

Jornais

Grupos de direita fazem ameaças”. *A Tribuna*, 4 ago. 1980. Disponível: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0053.htm> Acesso: 2 jun. 2013.

MATOS, Paulo. “O Jubileu dourado da Câmara Vermelha”. In *Revista Destaque Metropolitano*. Santos, p. 3-7, 1998. Disponível: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0135c.htm#v>Autor Acesso: 17 maio 2013.

Depoimentos

MARQUES, Helder. Jornalista. Entrevista concedida à autora Dayane Santos Araujo, em 9 mar.2013 para a dissertação de mestrado intitulada “A luta pela autonomia política de Santos: da Caravana Leonardo Roitmann à posse de Oswaldo Justo (1983-1984) defendida em fevereiro de 2014 na PUC-SP.

Publicações acadêmicas (dissertações e teses)

ARAUJO, Dayane Santos. *A luta pela autonomia política da cidade de Santos: da Caravana Leonardo Roitmann à posse de Oswaldo Justo (1983-1984)*.2013. 208f. Dissertação(Mestrado em História).Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP.

OLIVEIRA, Nilo Dias. A configuração do sistema nacional de repressão no governo J.K (1959 a 1961). 2013. 344f. Tese (Doutoramento em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP.

Constituições

BRASIL. *Constituição* (1937). Constituição dos Estados Unidos do Brasil. 1937.Disponível:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm. Acesso: 20 fev. 2017.

BRASIL. *Constituição* (1946). Constituição dos Estados Unidos do Brasil. 1946. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso: 20 fev. 2017.

Artigos online

BARROS, José D´Assunção. Sobre a feitura da Micro-História. OPSIS, vol. 7, nº 9, jul-dez. 2007.

OLIVEIRA, Marcus Roberto de. “ A ideologia anticomunista no Brasil”. In *Revista de Sociologia e Política*. n. 23 nov. 2004. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782004000200019. Acesso: 20 fev. 2017.

Sites de pesquisa

HET nationaal-socialisme als rancuneleerhttp: Disponível: [//www.dbnl.org/tekst/braa002nati01_01/braa002nati01_01_0001.php](http://www.dbnl.org/tekst/braa002nati01_01/braa002nati01_01_0001.php). Acesso: 28 fev. 2017.

INTERVENCIONISTA confunde bandeira do Japão como símbolo comunista e vira piada na internet. Disponível: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/11/intervencionista-confunde-bandeira-do-japao-com-simbolo-comunista-e-vira-piada.html>. Acesso: 2 mar. 2017.